



Homenagem a Oscar Cesarotto

Lúcia Santaella

Momentos como este são difíceis. As palavras ficam em falta, quase impotentes. Mas, paradoxalmente, trazem o dom da rememoração. São três perdas que aqui lamentamos e, ao mesmo tempo, homenageamos. Irei prosseguir em um crescendo de intensidade.

Pessoalmente tive pouco contato com Geraldino, mas compensado pela admiração por seus escritos, pontuais e perspicazes. Há escritos que existem para serem lidos em várias fases de nossas vidas. São aqueles que persistem porque não caem nas marolas da moda. Geraldino não escrevia para o agora, mas para a abertura do tempo.

Samira foi a minha melhor e mais completa amiga. Completudes são quimeras, mas éramos capazes de expor uma a outra, as nervuras mais finas de nossa vida interior. A falta que ela me faz não tem nome. Um dia, escrevi um prefácio para o seu livro. Fui procurar e não encontrei. Disse-me ela que leu em uma ruela em que parou o carro e caiu no choro ao terminar. Creio que se lesse agora, também iria chorar. Pus nele minha alma irmã. Há escritos que se apagam pela falta de leitores e pela corrosão no tempo. Quando soube de sua derradeira ida, andei sem destino horas a fio pelas ruas frias de Kassel molhada de lágrimas. Hoje elas secaram, mas seu sabor amargo ficou.

Dela herdei orientandos que me conduziram pelos sutis meandros da psicanálise: Marcio, Fani e Oscar. Ter isso exposto em meu currículo legitima as menções que ouso fazer no campo do inconsciente. Tive algum contato com Marcio, o suficiente para perceber que o espírito teórico e crítico afiado lhe convinha e aflorava à flor da pele. Perdi o rastro da memória, mas creio que com a perda da Samira, ele igualmente perdeu o rastro de sua pesquisa no ambiente acadêmico, mas não na continuidade de seus escritos, quem está feito para pensar, pensa em qualquer lugar.

Fani está aqui. Felizmente, porque, de certa forma, é a única que me devolve a lembrança viva de Samira e isso me acalanta.

Oscar. Muito difícil falar do Oscar. Pessoa incomum. Em certo momento do passado me apaixonei pela filosofia oriental. Nela encontrei a definição mais pura do desprendimento, quando parece que a pessoa que o tem pisa a um palmo acima do chão. Ver e conviver com Oscar me trazia a sensação de que ele incorporava esse desprendimento. Mas, ao mesmo tempo, incorro em uma contradição, pois sua sagacidade era aguda temperada com um humor levemente irônico. Ele via coisas e segredos humanos que ninguém mais via. E os expressava com uma ponta de riso enigmático. Sabia, sem dúvida, o quanto a lucidez corria pelos fluxos do seu pensamento. E sua escrita não deixava por menos. Poesia com marcas autorais inconfundíveis.

A escolha do tema da tese não podia ser outro, o tango. Uma espécie de dúvida e homenagem à argentinidade que corria em suas veias. A tese, tango malandro, seguiu seu caminho de liberdade sem interferências minhas, que só por um orgulho descabido de minha parte poderia ter ocorrido. Aos orientandos de confiança plena, apenas acompanho discretamente, para, então, deixar-me surpreender. Foi esse o caso. Uma descoberta do tango liberto de quaisquer clichês identitários tão caros aos turistas afoitos por se deixar fotografar em suas excursões coroadas de breguice.

Em suas palavras:

Como uma brincadeira infantil, capaz de se burlar do mundo adulto e sisudo, o lunfardo permite encarar a vida sob o ângulo da galhofa, mesmo que a gravidade da existência nunca fique excluída da sua concepção do mundo. Por isso, o alcance criativo dos seus termos poderia ser equiparado aos processos do witz, os chistes ou ditos espirituosos que Freud exibia em 1905 para ilustrar a fertilidade significante do inconsciente.

Winfried e eu tentamos de todas as formas mantê-lo na vida acadêmica. Fizemos repetidamente cálculos de sua produtividade para o agrado dos burocratas em suas chefias acadêmicas cuja existência garante o bom comportamento das medíocres obediências. Ao fim e ao cabo, Oscar não cabia nesse enquadre. Especialmente porque, no brilho dos seus olhos, ficava visível a paixão por suas IKEBANAS lacanianas, obras-objetos fantásticos de um imaginário a mil léguas de distância do lugar comum.



Foi o fundador da especialização em Semiótica Psicanalítica da Puc SP que surgiu para que não se apagasse o seu vínculo com a Samira. Em uma tríade, Oscar, Fani e eu, tocamos o barco por vinte anos. Mas um cruzamento no destino nos afastou nos últimos dois ou três anos. Sinto agora a perda desses anos. Quem perdeu fui eu e agora isso se tornou tristemente claro para o meu lamento.

Obrigada